



RUAS DE CONSTANTINOPOLA.

Os DIARIOS, e outras relações de viagens, são daquellas obras que com o tempo adquirem mais valor do que perdem: são subsidiarias da historia, e conservam a memoria de muitas cousas de que a historia não faz caso, nem dá noticia, por serem reputadas insignificantes, em quanto são conhecidas e frequentes: mas que vem a ser objectos de curiosidade e indagação depois que desapareceram e ficaram antiquadas. — Este pensamento d'um sabio é exactissimo, quando applicado ás narrações dos que percorrem as regiões e estados, com espirito de observação e animo reflexivo e desapassionado. Entre os mais antigos, alguns ha tão estimados e merecedores de conceito que os auctores os citam a miudo, como, por exemplo, ao P.^o Labat. Entre os mais recentes logra reputação Francisco Hervé, que em 1837 publicou — *A residence in Greece and Turkey*: escolhemos desta obra as gravuras acima, transumptos de duas das lithographias, que a acompanham, e que são como umas amostras das ruas notaveis na capital ottomana.

Constantinopola, de cujas grandezas em outra parte fizemos menção (*), sendo vista da Propontide ou mar de Marmará, patentêa um bello e magestoso espectáculo. — « Com os olhos fitos na magnificencia, que ante mim se ia descobrindo e dilatando [diz o A. do *Anasta-*

sius], eu espiava o como surgiam do seio das aguas circumdantes os ponteagudos coruchêus, as bojudas cúpulas, e as habitações sem conto ora empinando-se ao longo da praia recortada e reflectindo a sombra no mar espelhado, ora como que descendo desde a lombada da montanha, e desenhando-se os seus perfis nos espaços aéreos. A principio, agglomeradas n'um só maciço, as menores partes deste immenso todo parece que se desenvolvem gradualmente e se despegam umas das outras, compondo varios magotes, divididos por amplos vãos e fundos recortes; até que por fim os grupos, que se divisavam claramente connexos, se transformam, como por magica, em tres cidades distinctas, cada uma individualmente de prodigiosa extensão, e separada das outras duas por um vasto braço de mar de prateadas aguas. » — Com tudo o interior da cidade appresenta uma combinação singular de mediocridade e grandeza, de opulencia e miseria: este seu character é proverbial; e conta-se que um inglez, chegando a Constantinopola e lançando anchora defronte, tão encantado ficou do que viu que não quiz desembarcar, pelo receio de perder o sabor da primeira e agradável impressão, tendo ouvido contar que a maior parte das ruas eram desaceadas e detestaveis: assim deixou-se ficar a bordo até achar navio que o transportasse a outro porto. Mr. Hervé, que não foi tão escrupuloso, examinou a cidade pa-

(*) Vol. 2.^o da 1.^a serie, pag. 66; vol. 3.^o pag. 246; e 5.^o pag. 9, 12 e 129.

ra communicar o resultado das suas observações, que entre outras são as seguintes. — As figuras que giravam divertiam-me muito mais do que a maior parte das que tinha visto em Pera (**) e que em geral eram mercadores ou seus caixeiros, todos mal amanhados arremedando as modas europeas: ao passo que em Constantinopola de raro se topa alguma pessoa que não vista os trajos orientaes. A maioria das casas são de madeira e pintadas, predominando muito a côr vermelha sobre qualquer outra côr; sube que era tida em conta de eminente privilegio a permissão de pintar a casa com a especie de tinta encarnada tanto em voga nesta região, e que muitos pagavam a concessão, a qual algumas vezes se concedia em consequencia de ter prestado o proprietario alguns serviços ao soberano ou ao imperio. — Todas as lojas estão abertas; porque se não usam vidraças..... Grandes balcões ou varandas de sacada com pesados varões de ferro, ou balaustres, janellas salientes, mas de rotulas e que se não abrem, kiosques ou mirantes, e eirados, são as principaes características dos edificios particulares dos turcos.

Se exceptuar-mos uma rua extensissima, que atravessa a cidade quasi desde as altas muralhas do serralho até a porta de Adrianopoli, as ruas são estreitas e tortuosas: muitas das casas são privadas de janellas exteriores, e só tem uma porta acanhada, e que range e faz bulha ao menor impulso. Toda a vida e actividade do interior da capital se concentram nos bazares, ou vastos mercados de todo o genero de mercadorias, que são longos e largos corredores, com serventias de uns para outros dispostas do modo mais irregular e extravagante; as muralhas externas são de cantaria com arcadas por onde entra uma luz furtiva. Às tardes os botequins de caffè, em numero excessivo, estão entulhados de turcos, armenios, gregos e judeus, fumando todos e bebendo as taças daquella infusão tão querida dos orientaes, e ha tempos bastante usada na Europa: a bebida do caffè usam alli as classes mais pobres, e não só sem leite, mas até sem assucar.

Tornando a tratar das gravuras; mostram ellas a variedade architectonica de Constantinopola; posto que só representem duas das 3:770 ruas, que neste emporio numeram os habitantes. Veem-se edificios de varias formas, desde a lojinha d'alpendre até a proeminente torre da mesquita sagrada, onde a arte collocou suas bagatellas para auxilio de frivola adora-

(**) Pera é um arrabalde de Stambul [nome que os turcos dão a Constantinopola] situado n'uma collina sobranceira ao outro, dito de Galata. E' o bairro especialmente habitado pelos estrangeiros christãos e pelo corpo diplomatico.

ção. — Não ha carruagens nas ruas; os meios de transporte mais frequentes, quer para pessoas, quer para fazendas, são os camellos e os cavallos. — Os incendios, depois da peste, são os flagellos da cidade, dando causa á sua frequencia a construcção de muitas casas de madeira, a estreiteza das ruas, e a negligencia habitual dos turcos. Quanto ás fontes publicas, são numerosas e algumas de notavel formosura, como as que se ornamentam com suas obras de fino marmore branco, e bem lavrados arabescos, unicos enfeites que os mahometanos toleram, por quanto o alcorão lhes veda figurar os vultos dos animaes, crendo que nisto usurpam os attributos do Creador: mas apesar de tantos chafarizes, não é grande o auxilio que delles se colhe nos casos de conflagração, por carencia de cautelas e disposições regulares e expeditas; comtudo a extincção dos janisaros acabou com uma causa dos fogos; porque essa milicia indomita desafogava, nos seus repetidos descontentamentos e alborotos, incendiando os bairros da capital.

ARRHAS POR FORO D' HESPAÑIA.

1371 — 3.

(Conclusão.)

A NOITE descêra entretanto. A cavalgada parou no terreiro de S. Martinho, e á luz de muitas tochas parte d'aquella multidão escoou-se pouco a pouco por diversas ruas, em quanto outra parte subia á sala principal, ou se derramava pelos aposentos dos paços, cujo silencio de quasi dois annos, depois da fuga d'elrei com D. Leonor Telles, era a primeira vez interrompido pelo ruido de uma côrte numerosa mas bem differente da antiga. A rainha havia quasi exclusivamente chamado a ella os seus parentes, ou aquelles fidalgos que lhe tinham dado provas não equivocadas de sincera afeição, e substituíra á severidade antiga do paço todo o brilho de um luxo insensato, e o que mais era a dissolução dos costumes, que sempre acompanha esse luxo. Depois de uma cêa esplendida, como o devia ser nesta côrte voluptuaria, apenas ficára na camara real D. Fernando e sua mulher, o conde de Barcellos D. João, D. Gonçalo Telles, irmão de D. Leonor, e um donzel da rainha, filho bastardo de outro bastardo, o prior do Hospital, Alvaro Gonçalves Pereira, e que ella mais que nenhum estimava. Estas personagens achavam-se reunidas no mesmo aposento onde dois annos antes o beguino Fr. Roy viera revelar á então amante de D. Fernando os intentos de seus inimigos. Era des-

te aposento que ella sahira fugitiva e amaldiçoada do povo. Mas era ahi tambem que ella vinha depois de tantos sustos, de tantas difficuldades vencidas, de tanto sangue derramado por sua causa, repousar triumphadora, segura já na frente a corôa real. Tudo estava do mesmo modo, salvo as personagens, que em parte eram diversas e em diversa situação.

Elrei, habitualmente alegre, se assentára triste na cadeira de espaldas, unico movel do aposento, e encostára a cabeça sobre o punho cerrado. D. Leonor, posto que naturalmente loquaz (1), assentada no estrado defronte de D. Fernando, se conservava tambem em silencio: em pé, um pouco atraz da cadeira d'elrei, o donzel querido de D. Leonor, com os olhos fitos nella, esperava attento as determinações de sua senhora: ao longo da sala o conde de Barcellos e D. Gonçalo Telles passeavam lentamente, conversando em voz submissa e pausada.

Mas a taciturnidade de cada uma das duas personagens principaes tinha bem differentes motivos.

A imagem da sua capital destruida tinha-se embebido na alma d'elrei como um remorso cruel. Pelas suggestões de seu tio adoptivo consentira que D. Henrique viesse livremente destruir a opulenta Lisboa. Elle, neto d'Afonso 4.º, regeitára os soccorros de seus valerosos vassallos, que de toda a parte haviam corrido, lança em punho, para combaterem debaixo da signa real, ao esvoaçar dos pendões inimigos: elle, cavalleiro, fôra vil instrumento de vingança covarde: elle, rei de Portugal, fôra o destruidor do seu povo: elle, portuguez, recebera o nome de fraco de um castelhano, sem que ousasse desmentir a affronta! (2). Estas idéas, que o tinham assaltado ao atravessar as ruinas dos arrabaldes, tomavam maior vulto e força na solidão e no silencio. O pobre monarcha, bom, mas excessivamente brando e irresoluto, tinha sobeja rasão de estar triste. A lua, que começava a subir, dava de chapa atravez da janella oriental do aposento no rosto de D. Fernando; como dois annos antes, quasi a essa hora, lhe allumiára tambem as faces demudadas d'afflicção. Este lugar, esta luz, e esta hora eram para elle fataes!

Nesse momento passos mais rapidos e mais pesados que os dos dois fidalgos começaram a soar na sala contigua: quem quer que era passeava tambem.

Dos olhos de D. Fernando sahiam dois tenues reflexos: eram os raios da lua que se espelhavam em duas lagrymas.

A rainha alevantando-se então disse ao donzel:

«Nunalvares Pereira, vêde quem está nessa sala.»

Nunalvares abriu a porta, e lançando a cabeça voltou-se immediatamente, e disse.

«O corregedor da côrte.»

Os dois fidalgos pararam na extremidade do aposento, callaram-se, e conservaram-se immoveis.

A rainha fez signal com a mão a Nunalvares para que esperasse: o donzel ficou á porta sem pestanejar.

D. Leonor encaminhou-se então para elrei, que embebido no seu profundo scismar, não vira nem ouvira o que se fazia ou dizia. Curvando-se, e firmando o cotovello no braço da cadeira d'elrei, encostou a cabeça sobre o hombro d'elle, com a face unida á sua.

«Que tens tu, Fernando? — perguntou ella com essa inflexão de voz meiga, que só sabem labios d'esposa que muito ama, mas com que tambem soubera atinar esta mulher sublime de hypocrisia.

«Nada! oh.... nada! — respondeu o moço rei, lançando-lhe o braço ao redor do pescoço, e apertando a face incendida áquelle rosto d'anjo, que dissimulava um coração de demónio.

Os dois tenues reflexos da lua tinham esmorecido nos olhos de D. Fernando: o halito de Leonor Telles queimára as lagrymas da compaixão e do remorso.

«Enganas-me, ou enganas-te a ti proprio, Fernando! — replicou a rainha. — Tu és infeliz, e eu sei porque o és. Aborreces já a pobre Leonor Telles.»

O tom com que estas palavras foram proferidas era capaz de partir um coração de mármore.

«Enloqueceste Leonor? — exclamou elrei — Aborrecer-te? Sem ti este mundo fôra para mim um ermo, a corôa martyrio, a vida maldição de Deus. Como nos primeiros dias dos nossos amores, no leito da morte amar-te-hei ainda. Gloria, riqueza, poderio tudo te sacrifiquei: não me pêsá. Mil vezes que tu o queiras t'o sacrificarei de novo.»

«Oh, prouvera a Deus que o teu amor fosse metade do que dizes: — fosse metade do meu!»

«Busca, inventa, aponta-me algum modo de te provar o que digo, e verás se as minhas palayras são sinceras!»

«Há um, rei de Portugal! — replicou Leonor Telles, em cujos olhos scintillava o contentamento.

Dizendo isto ella se affastára d'elrei. O seu

(1) A rainha.... como era ousada e muito falladora. Fernão Lopes, chr. de D. Fern. cap. 126.

(2) Idem — cap. 72.

aspecto tomou subitamente a expressão grave e severa d'uma rainha. A um gesto que fez, Nunalvares ergueu o reposteiro, e o corregedor da cõrte entrou. Trazia na mão um pergaminho aberto. Chegou ao pé de Leonor Telles, ajoelhou e entregou-lh'o.

A rainha pegou nelle, e apresentou-o a elrei: o donzel trouxe uma das tochas que estavam nos angulos do aposento, e collocou-se á esquerda da cadeira de D. Fernando.

«A prova do que dissestes, rei de Portugal, está em estampardes no fim desse pergaminho o vosso sêllo de puridade.» (3)

D. Fernando recebeu o pergaminho e começou a lêr: a cada uma das extensas linhas que o obrigavam a descrever um semicirculo com o raio visual, o tremor das suas mãos se tornava mais violento, as contracções do seu rosto mais profundas. Antes de acabar de lêr atirou o pergaminho ao chão, e com voz terrível exclamou, cravando os olhos reluzentes em Leonor Telles:

«Mulher, que me pedes tu?»

«Justiça, e as minhas arrhas.»

Era a primeira vez que elrei ousava resistir á vontade de Leonor Telles. Ella ainda não o cria. Habituada a ser obedecida pelo pobre monarcha, estas ultimas palavras foram proferidas com a insolencia de uma resolução incontrastavel.

«Justiça? Contra quem a pedes? Contra cadaveres e moribundos. As tuas arrhas? Tiveste em dote as mais formosas villas de meus senhorios: tiveste o que mais desejavas, as arrhas de sangue e ruinas. Para te contentar, dei-xei Lisboa entregue ao furor d'inimigos: para te contentar, fui vil e fraco: para te contentar, dos patibulos tem já pendido sobejos cadaveres (4). E ainda não satisfeita, pertendes que antes de dormir uma unica noite na minha capital assolada, confirme uma sentença de morte? Leonor! tu eras digna de ser filha de meu implacavel pai!»

D. Leonor repellira o olhar, entre colerico e timido, de D. Fernando, que mal acreditava a propria audacia, com um olhar em que se misturava a indignação e o desprêso. Ella ouvira as suas palavras sem mudar de aspecto, mas apenas elrei acabou, encaminhou-se para a janella d'onde batia o luar, e estendeu a mão para o céu.

(3) O sêllo de puridade ou de *camafeu* era aquelle que se estampava no proprio pergaminho, e que servia ordinariamente para o rei expedir documentos de menos importancia, na falta do chanceller-mór que tinha o sêllo grande, curial, ou do *cavallo*. Veja-se a Dissertação 3.^a de J. P. Ribeiro.

(4) Os tumultos contra o casamento de D. Fernando não se tinham limitado a Lisboa. Pelas doações dos bens dos *treedores mortos ou decepados* se conhece que houve assuadas e depois vinganças em Santarem, Leiria, Abrantes e outras partes.

«Há dois annos, senhor rei, que neste aposento, a estas mesmas horas, um cavalleiro jurava a uma dama de quem pertendia quanto mulher pôde ceder a desejos de homem, que a amaria sempre; jurava-o pelo céu, pelos ossos de seus avós, pela sua fé de cavalleiro — e o cavalleiro mentiu. As bocas d'homens vis vomitavam contra essa mulher, e a essa mesma hora, os nomes de adultera, de barregan, de prostituta, e pediam a sua morte. O cavalleiro sabia que taes affrontas escrevem-se para sempre na fronte de quem as recebe, se o sangue de quem as proferiu não as lava um dia. O cavalleiro offereceu a sua alma aos demonios se não as lavasse com sangue — e esse cavalleiro blasphemou e mentiu. Senhor rei, diante do céu que elle invocou, perto dos ossos de seus avós pelos quaes jurou, á luz da lua que o allumiava, dir-vos-hei: aquelle cavalleiro foi prejuizo, blasphemo, desleal, e covarde, e eu a sua victima. É contra elle que ora vos peço justiça. Rei de Portugal, justiça!»

Esta ultima palavra restrugiu terrivelmente pelo aposento. Elrei, que durante o discurso de D. Leonor se erguera pouco a pouco, fascinado pelo seu gesto diabolico e pelo seu olhar fulminante, cahiu outra vez sobre a cadeira arquejando. O desgraçado cubriu a cara com ambas as mãos, e depois de um momento de silencio murmurou:

«Mas como punir aquelles que talvez são cadaveres? A guerra e a furia popular os puniu!»

D. Leonor triumphára.

«Nem todos — proseguir a astuta e sangüinaria panthera, acommettendo o ultimo entrincheiramento, em que D. Fernando já debalde procurava defender-se — os seus mais vis inimigos ainda respiram, e porventura, ainda sonham vingança. Corregedor da cõrte, lêde os nomes escriptos em vossa sentença.»

O corregedor da cõrte levantou o pergaminho, afastando-o dos olhos e interpondo a mão aberta entre estes e a tocha que Nunalvares segurava — tossiu duas vezes, inclinou para traz a cabeça, e com o tom cheio e solemne de um mestre em degredos, leu:

«Item: Fernão Vaasques, peom, alfayate, cabeça e propoedor dos ssusodictos rreveis.»

Aqui abriu o peitilho da garnacha, tirou a sua ementa particular, e leu a seguinte cota:

«Vivo; mui malferido dhuua ffrechada com herva (5) no ffecto do meirinho-moor, quando hos da cidade llevarom os castellaõs de vencida até meia rua nova.»

(5) Neste seculo ainda barbaro o uso de *hervar* ou envenenar as armas de tiro ou arremesso era vulgarissimo nos combates.

Lida esta observação, o corregedor continuou a lêr successivamente os nomes dos réus e as respectivas cotas.

«Item: Stevom Martins Bexigosso, mercador, peom, capitão dhum corpo dos ssusodictos rreveis. — Dizia a ementa: — Morto de ssua door naturall.»

«Item: Bertolameu Martjis, ourives, peom — dizidor de pallavras de desacatamento contra ssua rreal ssenhoria, e de graõ ssamdiçe e desavergonhamento. — Dizia a ementa: «Morto dhuuã pedrada dhuu emgenho dos imiguos.»

«Item: Joham Lobeira, escudeiro, homem darmas, acostado do álcayde moor que ffoy do castello desta lyal cidade, capitão dos bees-teiros que fforom a ssaõ dominguos.» — Dizia a cota: «Foy cativo dhos castellaõs: dado em rrendiçom, e a boõ rrequado na pryssom Dalcçova.»

«Item: Bertolameu Chambão, peom, tanoeiro, cabeça da beestaria do conselho, deputado pera ffazer viltã e afronta a ssua rreal ssenhoria ha muy exçellente e muy virtuosa de grandes vertudes, rrainha dona llyanor.» Resava a ementa: «Morto dhuua lamçada aa porta dho fferro.»

«Item: Ayras Gil, petintal, capitão dos rreveis, gualiotos, arraizes, e pesquadores Dalfama.» — Dizia a cota: «Ffugido com os castellaõs.»

«Item: Fr. Roy, dalcunha Zambrana, biguino, ffoliom, jograll de sseu officio, bevedo, assoalhador de palavras e dictos devedados, e scuitta dhos rreveis.» — Notava a ementa: «Enssandeçe na pryssom ao lleer da ssemtemça.»

Pobre Fr. Roy!, vendo-se condemnado á morte, desesperado, revelára o que tinha sido na revolta — um espia de Leonor Telles. A cota da ementa fôra tudo o que tirára das suas revelações: o corregedor, homem agudo como o melhor mestre em leis ou degredos, conhecêra logo por suas palavras que o beguino *endoudecêra*, e advinhára por isso que elle havia sido espia, mas dos revoltosos.

Alevantado o cêrco de Lisboa, o corregedor da côrte fôra o primeiro presente que a nova rainha enviára á cidade, e áquelle perspicaz e diligente magistrado poucos dias haviam bastado para preparar um sarau digno della — uma sentença de morte. A prova da sua perspicacia e diligencia estava em ter já no caminho da força os desgraçados, cuja sentença vinha trazer á confirmação real. N'uma execução nocturna não havia a recear tumultos populares, e a brevidade que a rainha lhe recommendára neste negocio, lhe fazia crêr que não seria desagradavel a sua real senhoria a immediata execução dos réus.

Quando acabou a leitura, elrei tirou da bolsa que trazia no cinto o sêllo de camafeu, e sem dizer palavra entregou-o ao corregedor. Este pegou na tocha de Nunalvares, deixou cahir alguns pingos de cera no fundo do pergaminho, assentou-lhe em cima um fragmento de papel que tirára da ementa, e cravou neste o sêllo. As armas d'elrei ficaram ahi estampadas. O corregedor fizera isto com a promptidão e accio, com que o mais habil algoz enforcaria o seu proximo.

Depois o honrado magistrado entregou o sêllo a elrei, cujo tremor nervoso se renovára durante a fatal cerimonia, e que o deixou cahir no chão: o sêllo foi rolando e parou aos pés de D. Leonor Telles. Ella empallideceu. Porque? Talvez se lhe figurou uma cabeça humana, que rolava diante della.

O corregedor fez uma profunda cortezia, e perguntou em voz sumida á rainha:

«Quando, senhora?»

No mesmo tom D. Leonor respondeu:

«Já.»

O destro e activo corregedor tinha dado no vinte. O *já* da rainha seria mais *já* do que ella propria pensava.

O corregedor sahiu.

A um aceno de D. Leonor, o donzel met-teu a tocha no anel de ferro embebido na parede, donde a tinha tirado, e encaminhou-se para junto da porta, onde ficou com os braços cruzados, olhos no chão, e immovel como uma estatua. Desde este dia o formoso donzel odiou do fundo da alma a sua mui nobre senhora, aquella que lhe cingira a espada. O generoso Nunalvares conhecêra que debaixo desse rosto suave se escondia um instincto de besta-fera.

Os dois fidalgos continuaram a passear de uza para outro lado, conversando em voz baixa, e como alheios á scena que alli se passava.

Elrei tomára a primeira postura em que estava, com o cotovello firmado no braço da cadeira, e a cabeça encostada no punho; mas os seus olhos, revolvendo-se-lhe nas orbitas, incertos e espantados, exprimiam a dolorosa alienação daquella alma timida, atormentada por mil affectos oppostos.

Ouvia-se apenas o cicío dos dois que conversavam. E por largo espaço aquelle murmurio, e o respirar alto e convulso de D. Fernando foi o unico ruido que interrompeu o silencio do vasto aposento.

Elrei com a mão esquerda pendente sobre os joelhos, deixava-se ir ao som das idéas tenebrosas que lhe offuscavam o espirito, e que protraidas o levariam bem proximo das raías de completa loucura. A imagem de Leonor Telles lhe apparecia como composto monstuo-

so de vulto d'anjo e de olhar de demonio: um amor infinito o arrastava para essa imagem, o horror o afastava della; via-a como um simulacro das virgens que na infancia imaginava ao ouvir ler ao bom de seu aio Ayras Gomes as lendas das martyres; mas logo cuidava ouvi-la dar risada infernal passando por cima das ruinas de cidade deserta: o patibulo, e os delirios amorosos; o cheiro do sangue e o halito dos banquetes se lhe misturavam no senso intimo, e o pobre monarcha nos seus desvarios perdêra a consciencia do logar, da hora e da situação em que se achava naquella terrível momento.

Mas um beijo ardente, dado nessa mão que tinha estendida, e lagrymas ainda mais ardentes que a regavam, foram como faísca electrica revocando-o á razão e á realidade da vida.

A commoção indisivel e mysteriosa que sentira fez-lhe abaixar os olhos: — a rainha estava a seus pés: era ella quem lhe cobria a mão de beijos e lh'a regava de lagrymas.

D. Fernando afastou-a suavemente de si: ella alevantou o rosto celeste orvalhado de pranto; era a imagem de uma das martyres que elle via no seu imaginar da infancia. D. Leonor ergueu as mãos supplicantes com um gesto de profunda angustia: então era mais formosa que ellas.

« Ah! — murmurou elrei: — porque é o teu coração implacavel, ou porque te amei eu tanto?! »

« Desgraçada de mim! — bradou D. Leonor entre soluços: — o teu amor era como o iris do ceu: era a minha paz, a minha alegria, a minha esperança: desvaneceu-se e passou; a vida de Leonor Telles desvanecer-se-ha e passará com elle! »

« É porque sabes que esse amor não póde perecer; que esse amor é como um fado escripto lá em cima — interrompeu D. Fernando — que tu me fazes tingir as mãos de sangue, para satisfazer tuas crueis vinganças: é porque sabes que eu esgoto sempre o calix das ignominias quando as tuas mãos m'o appresentam, que tu me sacias de deshonra. Terás acaso algum dia piedade daquelle que fizeste teu servo, e que não póde deixar de ser tua victima? »

« Oh quanto és injusto Fernando, e quão mal me conheces! — exclamou Leonor Telles limpando as lagrymas. — Foi a tua dignidade real, a tua justiça, o teu nome que eu quiz salvar da tua propria brandura. Aos mesquinhos que me offenderam perdoei de todo o coração; mas tu que eras rei e juiz não o podias fazer. Se o nome de teu virtuoso pai ainda hoje lembra a todos com veneração e amor, é porque teu pai

foi implacavel contra os criminosos, e aquillo em que pões a deshonra e a ignominia, é a corôa de gloria immortal que cerca o seu nome. Se as minhas palavras te constrangeram a escolher entre a confirmação dessa fatal sentença e a deslealdade e a blasphemia, que não cabem em coração e labios de cavalleiro, foi por te salvar de ti mesmo. Se crês que nisto foi culpada, diz-me só — Leonor, já não te amo! — e eu ficarei punida, porque nessas palavras estará escripta a minha sentença de morte! Possas tu depois perdoar-me, e proferir sobre a campa da pobre Leonor uma expressão de piedade! »

As lagrymas e os soluços pareciam não a deixar proseguir. Reclinou a cabeça sobre os joelhos delrei, apertando-lhe a mão entre as suas com um movimento convulso.

Formosa, querida, humilhada a seus pés, como resistiria o pobre monarcha? Unindo a face áquella fronte divina, só lhe disse: « oh Leonor, Leonor! » — e as suas lagrymas misturavam-se com as della.

Durante esta lucta da dôr e da hypocrisia, em que, como sempre acontece, a ultima triumphava, o conde de Barcellos e D. Gonzalo Telles tinham-se encostado á janella fatal que dava para o rio, e que tambem dominava grande porção do arrabalde occidental da cidade. O espectáculo da noite era de melancolica magnificencia.

A lua caminhava nos céus limpos de nuvens, e pela face da terra nem suspirava uma aragem. A claridade do luar refrangia-se nas aguas, mas esmorecia batendo na povoação, na qual não achava, alem dos antigos muros, uma parede branqueada, uma pedra alva onde espelhar-se, ou um sussurro de festa accorde com suas harmonias. O incendio e o ferro tinham passado por lá, e Lisboa era um cahos de ruinas, um cemiterio sem lapides. Apenas no extremo do seu, d'antes, mais rico e povoado arrabalde amarelejava pulido pelo tempo o gothico mosteiro de S. Francisco junto de sua irmã mais velha a igreja dos Martyres. No valle que ficava em meio a luz de cima embebia-se inutilmente na povoação que jazia extincta. A bella lua de maio, tão fagueira para esta cidade querida, assimilava-se á leôa, que voltando ao antro acha o seu cachorrinho morto. A pobre fera ameiga-o como se fosse vivo, e vendendo-o qnedo, indifferente, e frio, não o crê, e vai, e volta muitas vezes renovando seus inuteis affagos. Lisboa era um cadaver, e a lua passava e sorria-lhe ainda!

Mas no meio daquelle chão, irregular, negro, callado, viam-se aqui e acolá luzinhas que se meneavam de um para outro lado, ao que

parecia sem rumo certo. Era que os frades de S. Francisco e de S. Domingos faziam procurar por entre os entulhos as reliquias dos mortos, para lhes darem a sepultura christã. Neste piedoso trabalho, que seguiam sem descontinuar havia muito tempo, eram acompanhados por alguns do povo, que para se esforçarem cantavam uma cantiga pia, cujas coplas, bem que interrompidas, vinham com triste som bater de vez em quando nos ouvidos dos dois cavalleiros. Resavam as coplas:

D'amigos e imigos,
Que ahi são deitados,
Levemos os ossos
Ao chão dos finados.
Ave Maria!
Santa Maria!

Madre gloriosa,
Dess'alta ventura
Demovei os olhos
A nossa tristura.
Ave Maria!
Santa Maria!

Ao bento Jesus,
E ao padre eternal
Pedi que perdoe
A quem morreu mal.
Ave Maria!
Santa Maria!

Esta longinqua toada perdeu-se no som de outra bem diversa, que se levantou mais perto dos dois cavalleiros. Uma voz esganiçada dava o seguinte pregão.

«... Justiça que manda fazer elrei em Fernão Vasques, João Lobeira e Fr. Roy: — que morram na forca, sendo ao primeiro as mãos decepadas em vida.»

Os cavalleiros abaixaram os olhos para o lugar d'onde subira a voz: era no terreiro proximo: os tres padecentes e o algoz, cercados de alguns bêteiros, approximavam-se do cadafalso: varios vultos negros fechavam o prestito: daquella pinha partira a voz do pregoeiro.

Este pregão, dado a horas mortas e n'uma praça deserta, parecia um escarneo. Mas o corregedor da corte era affamado jurisconsulto, e nós temos ouvido a alguns que na execução das leis as fórmãs são tudo. Assim piamente o cremos.

Duas se tinham, porem, esquecido: os desgraçados morriam como aquelles que o salteador assassina na estrada — pela alta noite, e sem um sacerdote que os consolasse na extrema agonia.

O algoz empurrou brutalmente um dos padecentes para uma especie de marco negro que estava ao pé do patibulo. Dahi a nada os cavalleiros viram reluzir duas vezes um ferro: ouviram successivamente dois golpes dados como em vão, seguindo-se a cada um delles um grito de terrivel angustia.

O conde de Barcellos quiz rir-se, mas a risada gelou-se-lhe na garganta, e, como Gonçalo Telles, recuou involuntariamente.

O grito que restrugira, chegara aos ouvidos d'elrei.

«Que bradar de homem que matam é este?» — perguntou elle.

«A justiça de sua senhoria que se executa:» — respondeu o conde, que neste momento retrocedia da janella.

«Oh desgraçados! tão breve!» — disse elrei, passando a mão pela fronte donde manava o suor da afflicção e terror. Olhando então para Leonor Telles accrescentou:

«Até a derradeira mealha estão pagas vossas arrhas, rainha de Portugal! Que mais pretendeis de mim?»

E deixou pender a cabeça sobre o peito.

D. Leonor não respondeu.

D. Gonçalo Telles approximou-se então da cadeira de D. Fernando, e curvou um joelho em terra.

Elrei levantou os olhos e perguntou-lhe: «Que me quereis?»

«Senhor — respondeu o honrado e nobre cavalleiro — se vossa senhoria consentisse neste momento em ouvir a supplica de um dos seus mais leaes vassallos!...»

«Fallai» — replicou D. Fernando.

«João de Lobeira acaba de receber o premio de sua traição: — proseguir D. Gonçalo. — O desleal escudeiro possuia avultados bens que ficam pertencendo á coroa real. Por vossa muita piedade podeis fazer mercê delles a seu filho Vasco de Lobeira; mas o pobre moço ensandeceu ha tempos! Tresleu com livros de cavallarias, e tão varrido está que não falla em al, senão em um que anda imaginando, e a que poz nome Amadis. Para um mesquinho parvo e sandeu pouco basta, e vossa real senhoria bem sabe que a minha escaça quantia mal chega...»

«Callai-vos, callai-vos; — que isso é negro e vil: — bradou elrei, redobrando-lhe o horror que tinha pintado no rosto. — Deixai ao menos que a sua alma chegue perante o throno de Deus!»

«Apenas cincoenta mâravedis!» — murmurou D. Gonçalo, erguendo-se e abaixando os olhos, afflicto com a lembrança de sua extrema pobreza.

A seis de junho da era de Cesar de 1411 [1373] em um dos andares da torre do castello o veador da chancellaria, Alvaro Pires, passeando de um para outro lado, dictava a um mancebo vestido de garnacha preta, e que tinha diante de si tinteiro, pennas, e folhas avulsas de pergaminho, a seguinte nota:

«Item. Pera se spreuer a ffolhas cento e vinte-oyto do llivro prymeyro da Chancelaria Delrrey noso ssenhor: — Doaçom dos bees de rraiz e moviis de Joham Lobeira, confisquado e morto por treedor contra ho sserviço de ssua rreal senhorya, ao muy nobre D. Gonçalo Tellez, per ho muyto divedo que cõ elrrey ha, e polos muytos sserviços que del tee rreçebido e ao deante espera de rreçeber.» (6)

E o povo? — Oh, este sim! — Mostrava-se agradecido e bom, no meio de tantas infamias e crimes.

Os populares que, na manhaã immediata aquella horrivel noite dos fins de maio, passavam pelo terreiro maldito, onde pendiam da forca os tres cadaveres, meneavam a cabeça, e seguindo ávante diziam:

«Boa e prestes foi a justiça d'elrei nos traidores. — Alcacere por sua senhoria!»

Nota final.

D. Fernando guardou até a primavera de 73 a vingança contra os populares de Lisboa e d'outras terras, que no anno de 71 se tinham amotinado por causa do seu casamento. Vê-se isto dos documentos registados na sua chancellaria, e citados por Fr. Manuel dos Santos, posto que alguns delles os não achemos em um indice ou resumo que possuímos dessa chancellaria. Quem attentamente tiver estudado o caracter atroz e dissimulado de Leonor Telles, tão bem pintado por Fernão Lopes, e os factos que provam a sua influencia sem limites no animo daquelle principe, não poderá esquivar-se a vehementes suspeitas sobre os motivos, que n'um romance nós damos como reaes, porque ahi é licito faze-lo, da, aliás inexplicavel, inacção com que D. Fernando não quiz oppor-se á vinda d'elrei de Castella sobre Lisboa, vinda que reduziu os seus moradores aos mais espantosos apuros, e que converteu a cidade por assim dizer em um montão de ruinas. Daquelles documentos resulta que depois de tirada toda a força aos habitantes de Lisboa pela guerra de Castella, em que se viram quasi sós e abandonados, elrei viera sobre as ruinas da maior e melhor parte della, satisfazer os odios de D. Leonor, porque levantado o cerco em março de 73 achámos elrei em Lisboa [aonde não voltára desde a sua fuga no outono de 71] durante alguns dias de maio, e em Santarem e outros logares nos mezes seguintes, fazendo mercês dos bens de cidadãos mortos, *decepados*, ou fugidos, do que se póde concluir que então foram executados ou banidos, não sendo de crer que a cubica cortesã tivesse esperado muitos dias sem prear estes sanguinolentos despojos.

O casamento de D. Leonor Telles, e as consequencias delle, são o primeiro acto do drama terrivel da *Illiada scelerum* da sua vida politica. Foi este primeiro acto que nós procurámos dispor na tela do romance historico. Todo o drama daria, nessa fórma da arte, uma terrivel *chronica*. Desde esta epocha, até ser arrastada em ferros para Castella por aquelles mesmos que chamára a assolar o seu paiz, a Lucrecia Borgia portugueza é, em nossa historia, uma

(6) A nota é imaginaria, mas esta mercê acha-se com effeito registada a f. 128 do L.º 1.º da chancellaria de D. Fernando; cumpre todavia advertir que dessa chancellaria apenas existe original o 3.º livro: o 1.º é dos reformados ou *estrágados* por Gomes Eannes de Azurara.

especie de phantasma diabolico, que apparece onde quer que haja um feito de traições, de sangue, ou d'atrocidade.

Que um dia algum homem de genio faça o que nós em parte tentámos. Então Portugal terá um romance igual ou superior a *Ivanhoé* ou a *Nótre-Dame*. Com Leonor Telles o trabalho do artista será metade: o resto deixou-o ella feito.

(A. H.)

ELREI D. João 3.º mandára ao imperador Carlos 5.º um papagaio, que fallava e respondia a proposito; o passaro, vendo-se entre gente que não conhecia, por mais que o imperador lhe perguntava, a nada respondia: mandou [Carlos 5.º] chamar o homem que lh'o levára e lhe disse — «Elrei meu senhor me escreveu maravilhas deste papagaio, pergunta-lhe a rasão porque não falla.» — João Fernandes, que assim se chamava o homem que o levou, lhe perguntou qual era a causa porque diante de Sua Magestade não fallava, a que o papagaio respondeu: — «João Fernandes, não me entendo com esta gente.» — *Cap. 2.º, 6.ª parte da Arte da caça da altaneria, por Diogo Fernandes Ferreira. Lisboa 1616, in 4.º (*)*.

Obreias. — De uma passagem das *Viagens na Hespanha e Italia pelo P.º Labbat* parece concluir-se que quando esta obra se publicou [anno de 1731] ainda as obreias não eram conhecidas em França: não sendo d'invenção muito recente, porque o viajante as vira em Genova em 1706: um escriptor [suppõe-se ser Walter Scott] no *Quarterly Review*, diz que tinha em seu poder cartas com as obreias ainda adherentes, e que tinham sido mandadas de Lisboa a Roma, vinte annos antes da data supramencionada.

SE a lingua portugueza não está mais generalizada, procede isso em grande parte de descuido nosso, e da quebra que soffreram as nossas relações commerciaes. Em muitos reinos da Asia, principalmente nos portos maritimos, se falla um dialecto portuguez, como linguagem commum entre aquelles povos, quasi da mesma maneira que na Europa nos servimos do francez. — O capitão inglez, King, refere que na primeira visita que fez á ilha Melville, na costa do norte da Australia, os naturaes que sahiram á praia o chamavam dizendo: *vem acá*: o que bem mostra que já conheciam os portuguezes, e delles tinham aprendido estas e porventura outras palavras.

Com trabalho, intelligencia e economia só é pobre quem não quer ser rico.

(*) Este curioso livro é hoje bastante raro.